

IV --- A epopeia heroica da assistência religiosa clandestina

Durante o ano de 1942 começaram a partir para a Alemanha milhares de jovens franceses forçados, na sua grande maioria, ao trabalho obrigatório para o inimigo. Em Março de 1943 já havia no Reich entre 700.000 a 800.000 operários e operárias. Entre eles, muitos jocistas, jacistas, escutas. Nos cais do embarque, entre os soluços duma partida para o desconhecido, para o país da tristeza e da morte, todas estas almas cristãs perguntavam a si mesmas pela Igreja: seremos abandonados?

Os comunistas, por sua vez, em tom de propaganda e de ironia — corriam os compartimentos dos comboios: — quantos burgueses entre vós? Contai-me os padres que vos acompanham!

Ninguém o sabia: mas a Igreja

estava presente, escondida, humilhada, mais presente e viva do que nunca. Padres lá iam, no meio deles, escondidos também nos seus fatos de operários, disfarçados com falsos cartões de identidade.

O primeiro a partir foi o Padre Adriano Bousquet. Ao ver partir os melhores dos seus paroquianos, apertou-se-lhe o coração. Não os abandonaria. O pastor segue as suas ovelhas.

Pregador distinto, com uma larga folha de serviços, exgotado por excesso de trabalho e de pregações, nada o detém: nem os púlpitos onde tinha adquirido justificada reputação, nem as ovelhas que ficavam, nem a saúde precária, nem a perspectiva do sofrimento.

Tendo-se oferecido ao P.º Rodhain, este disse-lhe estas proféticas palavras: — talvez não regresses; em todo o caso, não voltará sem ter experimentado as «doçuras» dos campos de concentração.

A maior batalha foi com o seu

Prelado, o Arcebispo de Paris, Cardeal Suhard.

— Meu Padre, a sua saúde não o permite.

— Mas eu venci já uma tremenda crise de saúde e hoje estou ótimo.

— Mas... já pensou que vai ser preso, talvez torturado...

— Sim. Tudo isso já o ofereci ao Senhor. Até as prováveis doze balas na pele.

O santo Cardeal, amava e apreciava o P.º Bousquet. Fazia-

(Continua na 4.ª página)

lhe falta. Mas perante a insistência e o seu zelo apostólico, cedeu. Certa manhã, dava a sua bênção na Sacristia da Basílica de Montmartre, ao primeiro padre-operário que partia para organizar a assistência clandestina.

— Na «gare», perdido entre milhares de «camaradas», lá ouviu uma vez mais: — «quantos padres no meio de vós? são sempre os operários quem aguenta o sofrimento».

O P.º Bousquet alistara-se para Berlim. Um mês depois, conseguiu comunicar com o P.º Rodhain: «é preciso mandar Padres, custe o que custar, que é o futuro da Igreja e de centenas de milhares de almas que está em causa. A massa operária escapa ao pensamento cristão. Recusar hoje partir seria abandonar esta massa e renunciar para sempre a encontrá-la no caminho».

O P.º Rodhain pede às autoridades alemãs que o autorizem a manter a assistência religiosa aos operários. Recebe uma terminante recusa. Mas o Cardeal autoriza-o.

Era preciso partir, apesar da proibição alemã.

A 2 e 3 de Março de 1943 realizam-se dois dias de estudo em Paris, e, quinze dias mais tarde em Lião, para resolver o problema. Decide-se a partida duma

primeira «équipe» de 20 Padres, que vão como operários por causa da recusa alemã. Entre si distribuem as diferentes regiões da Alemanha. Depressa se alistam como operários voluntários. Entre eles, alguns religiosos.

E o trabalho começa na mais apertada clandestinidade.

Pouco tempo depois, parte novo reforço e, por um erro providencial de administração, seguem-se-lhe dez Franciscanos de Poissy, enviados por engano, como operários. Não foi descoberta a sua identidade e assim estes religiosos puderam realizar um admirável trabalho em Colónia.

Nova «équipe» se vem juntar às precedentes, mas esta não partiu de França. As autoridades alemãs, necessitadas de operários, propuseram aos prisioneiros de guerra mudança de situação se quisessem alistar-se para o trabalho. Industriados pelo Padre Rothain, 273 padres, prisioneiros de guerra, vencendo a posição dos seus companheiros que diziam ser uma traição à Pátria, ir trabalhar para o inimigo, alistaram-se para o trabalho.

A missão destes Padres era bem clara: organizar o culto, manter a Acção Católica, formar apóstolos, cristianizar, amparar e defender o moral dos seus compatriotas. Mas tudo isto na mais rigorosa clandestinidade!

E começa então a heroica epopeia, que está em grande parte por escrever, apenas registada nos seus pormenores nos livros da Vida.

Estes Padres celebraram a Missa, confessaram, pregaram.

Escondidos nas sombras da noite, nalgum recôndito mais cerrado dos Bosques, à semelhança das Catacumbas, celebravam os Sagrados Mistérios da Paixão e Morte do Senhor. Extenuados por um horário interminável de trabalho, exaustos de força por uma alimentação deficientíssima, pouco a pouco reconstruíram pe-

quenas cristandades, suscitaram apóstolos leigos admiráveis, dirigiam as distrações nos campos, exerciam uma incansável caridade para com todos.

Confessavam nas avenidas de Berlim em frente das vitrinas, lendo — fingindo que liam — jornais nazistas, sentados nos bancos dos grandes centros comerciais, à entradas do metropolitano, Distribuíam a Sagrada Comunhão em cabines telefónicas, por detrás das máquinas da fábrica; às portas dos W. C., por toda a parte onde o pudessem fazer.

Nem todos podiam celebrar, por ser extremamente perigoso. Mas todos eles traziam consigo, dia e noite, na fábrica e na cama, o Santíssimo Sacramento, que os próprios operários lhes levavam escondido, quando não podiam eles próprios consagrar.

Estando rigorosamente proibido todo o acto de culto, foi um milagre grandioso nunca terem sido descobertos com o Santíssimo Sacramento. Sempre que foram presos, conseguiram passá-lo para mãos de leigos sem que a polícia o suspeitasse!

Baptizados — e que baptizados! — fizeram-se às dezenas, em cenários fantásticos de beleza. E casamentos!

Mas o trabalho principal foi o de descobrir e formar militantes. Escreve um deles: «A actividade de conquista cristã e de círculos de estudos desenvolve-se na clandestinidade. Para a manter, era preciso encontrar um lugar e hora convenientes: a fadiga, as horas de trabalho, o caminho a percorrer, são outros tantos obstáculos. Apesar disso, que magnífico trabalho se realiza por toda a parte. Os nossos militantes deram prova de coragem, de senso prático, de verdadeiro espírito cristão. Para nós próprios a experiência foi excelente, porque nos tínhamos tornado militantes e padres ao mesmo tempo, e podemos conhecer como é difícil desempenhar esta dupla função. Mas que alegria ser operário como Cristo e, com todos os nossos rapazes, pobres como Ele! As nossas Comunidades da Alemanha, tinham qualquer coisa de especial. Sentíamos ter regressado aos tempos primitivos dos apóstolos, aos dos mártires, aos das catacumbas. Que fervor, que entusiasmo! Sobretudo, quanta dedicação e caridade! O amor pára com Deus que sentíamos tão forte quando nos reuníamos à volta duma mesa para a celebração da Missa ou para a oração em comum, ou ainda para discutir a nossa acção; o amor do próximo

que nos compelia e nos exaltava, este próximo ineluzível que era preciso socorrer!»

Que lindas páginas, impossíveis de descrever! Como o Gestapo vigiava de perto e redobrava de ameaças e brutalidades perante a energia cristã já em parte descoberta, era preciso estar atento. Sobretudo as reuniões tornavam-se perigosas.

Com o ostensório em cima de uma mala, a presidir às reuniões clandestinas de militantes era preciso especial cuidado. Se sentiam passos, o cibório era metido no bolso das calças dum militante, enquanto se distribuía um baralho de cartas pelos assistentes. Passado o perigo, Jesus retomava a presidência da reunião.

Só os militantes e os cristãos conheciam a identidade dos sacerdotes. Para os outros eram camufladas como todos. Mas foi tal o seu porte, o seu ardor, que, por toda a parte foram eleitos representantes dos operários junto da autoridade das fábricas ou das autoridades alemãs.

Trabalho difícil e exigente. Mas até os próprios comunistas neles tinham confiança sem saberem quem eram. Um dia o P.^o Bousquet — o primeiro — foi descoberto e preso.

Ele era o delegado de milhares de operários, eleito por unanimidade. A sua prisão irritou o operariado que, em massa, levou um protesto às autoridades alemãs.

Foi então que a polícia, para os acalmar, lhes revelou a sua identidade: — «ele é um traidor, anda a enganar-vos, nós prendemo-lo, porque é Padre» — «Não queremos saber disso para nada, responderam. E o nosso chefe e vós prendestes o nosso chefe».

O P.^o Bousquet, ao contar-nos este acontecimento, comentava: «Eram todos tão meus amigos! O chefe da célula comunista ainda hoje é para mim como um irmão!»

Tamania obra realizada, não tardou a ser descoberta com o auxílio de alguns franceses vendidos aos alemães.

A Gestapo, tendo apunhado a rede da «resistência espiritual», ia abater o peso de toda a sua brutalidade sobre estes padres e os seus melhores militantes.

Essa página de martírio não dará outra crónica.

ABEL VARZIM